

Jornal: O Globo - segundo caderno
Data: 5-11-1984
Local: Rio de Janeiro
Título: Grupo Frente - I Salão Abstrato
Autor: Morais, Frederico

GRUPO FRENTE - I SALÃO ABSTRATO

HÁ TRINTA ANOS, VANGUARDA MAL COMPORTADA. HOJE, UM DOCUMENTO DE ÉPOCA.

A Galeria de arte Banerj inaugura logo mais, às 21 horas, duas exposições simultâneas e complementares: "Grupo Frente/1954-1956" e "I Exposição Nacional de Arte Abstrata/1953". E sem que tivesse sido cogitado de início por seus organizadores, a primeira das mostras acabou adquirindo o sentido de uma dupla homenagem: aos 30 anos do Grupo Frente, criado e liderado pelo pintor Ivan Serpa e ao crítico Mário Pedrosa, principal suporte teórico dos artistas que o integravam, falecido há exatamente 3 anos, isto é, no dia 5 de novembro de 1981. E se Ivan Serpa era uma espécie de ponte entre os dois grupos, o do Rio e o de Petrópolis, "um guru", na expressão de Décio Vieira, Pedrosa foi um dos raros críticos da época a escrever sobre a mostra de arte abstrata que se realizou no Hotel Quitandinha, para espanto do público local, que reagiu com piadas e até impropérios e agressões no livro de presenças, uma das peças expostas no Banerj.

No início dos anos 50, Petrópolis era uma próspera cidade industrial, que já prestigiava, como ajuda hoje, as atividades culturais e artísticas.

Na época, viviam em Petrópolis Lígia Pape, Décio Vieira, os pintores Antônio Luís (funcionário de um cartório) e Edmundo Jorge (dentista), em cuja residência os jovens se reuniam para

ouvir música e discutir as novas tendências da arte. Foram os dois que criaram a Associação Metropolitana de Belas Artes e foi também uma dessas reuniões que se cigitou de realizar a mostra do Hotel Quitandinha.

TODOS, EM ROMARIA, À BIENAL DE SÃO PAULO

Segundo Edmundo Jorge, a idéia de se realizar uma exposição de arte abstrata surgiu durante a visita que fizeram durante a I Bienal de São Paulo ("íamos todos, em romaria, à bienal", diz, a propósito do Grupo Frente, o crítico Ferreira Gullar). Naquele ano, 1953, iria realizar-se, também, a segunda Bienal, a mais completa de todas, com retrospectiva do cubismo, futurismo e presença, em salas especiais, de Calder, Mondrian, Picasso, dois concretos suíços, argentinos, uruguaios, etc. Nesse mesmo ano realizou-se no Museu de Arte Moderna do Rio, uma importante exposição dos concretos argentinos, ocasião em que Tomás Maldonado e Jorge Homero Brest fizeram conferências no Rio. Outro que falou no Rio (e visitou Ivan Serpa), foi o papa do concretismo mundial, o suíço Max Bill, que já expusera no Brasil em 1950 e ganhara, na I Bienal de São Paulo, o prêmio para melhor escultor. Tudo isso acerrara a polêmica entre figurativos e abstratos e a mostra do Quitandinha (que se realizou simultaneamente à outra, de flores, garantindo, assim, uma enorme frequência) não escapou à polêmica. O crítico Antônio Bento, por exemplo, ironizou o evento escrevendo em sua coluna: "Por estranho que pareça acaba de ser inventado no Brasil o Salão Nacional de Arte Abstrata. presume-se que seja repetido nesta altura do verão, quando há gente rica e os esnobes se encontram gozando as delícias do clima temperado da cidade imperial). Aliás, pouco tempo antes uma exposição Djanira no Museu Imperial, já provocara grande rebuliço.

Da mostra do Quitandinha participaram, entre outros, Ivan Serpa, Aluísio Carvão, Lígia Pape, Lígia Clark, Décio Vieira, estes dois últimos premiados, Antônio Bandeira, Anna Bella Geiger,

Fayga Ostrower, Rossini Perez, Ramiro Martins, Santa Rosa etc. Integravam-na, portanto, pelo menos três gerações de artistas. De fato, Fayga estudara com Santa Rosa na Fundação Getúlio Vargas e mais tarde teve como alunos Lígia Pape, Décio Vieira, Rosini Perez e Ana Bela Gaiger. E apesar da presença de alguns ainda quase figurativos, reuniu abstratos de duas tendências opostas, os líricos/informais e os geométricos.

E foram justamente aqueles artistas que Edmundo Jorge, no texto de apresentação do catálogo, definiu como os da vertente Mondrian, que iriam, mais tarde, integrar o Grupo Frente, constituindo, portanto, a "primeira turma" de artistas concretos do Rio.

Ivan Serpa, que morava no Rio, foi muitas vezes a Petrópolis, a convite dos artistas de lá, assim como estes vinham ao Rio participar das "domingueiras" em sua casa no Méier. Nessas reuniões os artistas trocavam críticas sobre seus trabalhos, discutiam o emprego de tinta industrial (o ripolim) na pintura e tomavam posição contra a arte figurativa - Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, etc.

Ivan Serpa criara, em 1952, o primeiro curso de arte do Museu de Arte Moderna, de início apenas para formar crianças. O MAM ainda não tinha sede e o curso funcionou em vários lugares. E foi da primeira turma de alunos adultos de Ivan Serpa que saíram alguns dos integrantes do Grupo Frente. Dos 8 participantes da 1ª mostra do grupo, na Galeria de Arte Brasil-Estados Unidos em 1954, Aluísio Carvão, João José da Silva Costa, Vincent Ibberson, Carlos Val e Décio Vieira eram seus alunos. Nas demais exposições; o nº de participantes subiu para 15 e, com exceção de Abraham Palatnik, Franz Weissmann, Lígia Pape e Lígia Clark, todos eram alunos de Ivan: Erich Baruch, Ruben Ludolf, César e Hélio Oiticica e Elisa Martins.

Além das aulas, o Grupo Frente se reunia, nos fins de semana, na casa de Serpa, no Méier, na casa de Ibberson, no Leblon, na casa de Lígia Pape, no Jardim Botânico, na casa de Décio Vieira, na Rua Djalma Ulrich, em Copacabana: "íamos todos, eu, Lígia Pape, Décio e sua irmã, Gilda, Vincent e sua mulher, Vera, Car

vão, Lia, Dorothy, o Ferreira Gullar. Levávamos trabalhos, discutíamos, almoçávamos, Serpa era o elemento aglutinador das reuniões". E foi numa dessas reuniões que se realizou uma eleição para escolher o nome do grupo. Vários nomes foram lançados. Segundo Elisa a maioria queria "vanguarda", outros propuseram "grupo renovador", mas foi a palavra de Ivan que mais uma vez prevaleceu: "Grupo Frente".

Gullar tem outra versão: "Eu tinha mania de escrever poemas em papel. Pegava várias folhas cortadas ao meio, colocava uma capa de papel de embrulho e granpiava tudo. Costumava andar com aquilo na mão e como a capa era igual dos dois lados, eu colocava a palavra frente só para saber de que lado deveria abrir. Um dia cheguei com um desses "cadernos" no curso do Ivan, coloquei-o sobre a mesa, o Ivan olhou e disse: Que coisa legal. Mais tarde me disse que iria dar o nome frente ao grupo. É possível, portanto que, no dia da eleição, Ivan já tivesse na ponta da língua a palavra ou até mesmo já tivesse tomado a sua decisão."

MATEMÁTICA INTUITIVA, BASE DE UM MOVIMENTO

A tendência dominante no Grupo Frente era a geométrica, Diz Lígia Pape: "numa época em que prevalecia a pintura o máximo em audácia era um abstrato ... expressionista. Mas Ivan já praticava uma abstração geométrica. Sua geometria era muito calculada, desenvolvia-se em clima de progressões matemáticas. Todos os que estavam ligados ao Ivan trabalhavam com formas geométricas. Trabalhávamos, de fato, em cima de um projeto concreto, de base matemática, usávamos pouquíssimas cores, chapadas. Certo, era uma matemática intuitiva, mas havia também cálculo, conhecíamos fibonacci, líamos textos de Max Bill, Vantongerloo". A viúva de Ivan Lígia Serpa, também confirma este caráter intuitivo da pintura do marido: "Na época concretista ele me dizia: "Se eu estudasse matemática, sabendo o que quero em pintura, poderia conseguir mais rapidamente os resultados que busco". Ele fazia tudo intuitivamente, desconhecendo a matemática".

Mas o caráter a-dogmático do Grupo Frente, Também se explica por sua base teórica, e pelo interesse de Serpa e de outros pela arte primitiva e pelas manifestações artísticas das crianças e dos loucos. Serpa sempre teve, entre seus alunos, "Primitivos", ensinou para crianças e, com Palatnik, Almir Mavgnier, Gullar e Pedrosa, frequentava o centro psiquiátrico D. Pedro II no Engenho de Dentro, acompanhando, ali as atividades de Nise da Silveira. Quanto a opção pela arte geométrica, era fruto de um otimismo que dominava o mundo, mal saído da II Guerra Mundial, na crença de que a arte poderia, efetivamente, ser um linguagem universal, fonte de entendimento entre os homens.

As duas exposições que se inauguram hoje, na Galeria de Arte Banerj, de caráter documental e didático, reúnem exclusivamente obras do período situado entre 1953 e 1956, em sua maior parte, que estiveram nas mostras realizadas naquele período. Do Grupo Frente só faltaram obras de Erich Baruch, vivendo hoje na Austrália, porque mesmo de Ibberson, que voltou para Londres, onde nasceu, e de Carlos Val, hoje falecido no interior de Minas foram localizados trabalhos. E as exposições destacam o esforço de interiorização da arte de vanguarda defendida pelo grupo, como também as tentativas de uma aproximação à indústria e à arquitetura. Na mostra serão vistas maquetes de Lígia Clark, móveis de Palatnik, jóias de Lígia Pape e trabalhos de Serpa feitas por ripolim.

NOTAS: Reprodução dos quadros: "Carnaval" (1952), óleo sobre tela de Elisa Martins. Guache sobre papel (1955), sem título de Nélcio Oiticica.

Jornal: O Globo - segundo caderno
Data: 5-11-1984
Local: Rio de Janeiro
Título: Grupo Frente - I Salão Abstrato
Autor: Morais, Frederico

GRUPO FRENTE - I SALÃO ABSTRATO

[HÁ TRINTA ANOS, VANGUARDA MAL COMPORTADA. HOJE, UM DOCUMENTO DE ÉPOCA.]

A Galeria de arte Banerj inaugura logo mais, às 21 horas, duas exposições simultâneas e complementares: "Grupo Frente/1954-1956" e "I Exposição Nacional de Arte Abstrata/1953". E sem que tivesse sido cogitado de início por seus organizadores, a primeira das mostras acabou adquirindo o sentido de uma dupla homenagem: aos 30 anos do Grupo Frente, criado e liderado pelo pintor Ivan Serpa e ao crítico Mário Pedrosa, principal suporte teórico dos artistas que o integravam, falecido há exatamente 3 anos, isto é, no dia 5 de novembro de 1981. E se Ivan Serpa era uma espécie de ponte entre os dois grupos, o do Rio e o de Petrópolis, "um guru", na expressão de Décio Vieira, Pedrosa foi um dos raros críticos da época a escrever sobre a mostra de arte abstrata que se realizou no Hotel Quitandinha, para espanto do público local, que reagiu com piadas e até impropérios e agressões no livro de presenças, uma das peças expostas no Banerj.]

No início dos anos 50, Petrópolis era uma próspera cidade industrial, que já prestigiava, como ajuda hoje, as atividades culturais e artísticas.

Na época, viviam em Petrópolis Lígia Pape, Décio Vieira, os pintores Antônio Luís (funcionário de um cartório) e Edmundo Jorge (dentista), em cuja residência os jovens se reuniam para

*devem ser feitas
4 fichas uma
marcada*

Para cada item

Grupo Frente

ouvir música e discutir as novas tendências da arte. Foram os dois que criaram a Associação Metropolitana de Belas Artes e foi também uma dessas reuniões que se cogitou de realizar a mostra do Hotel Quitandinha.

TODOS, EM ROMARIA, À BIENAL DE SÃO PAULO

Segundo Edmundo Jorge, a idéia de se realizar uma exposição de arte abstrata surgiu durante a visita que fizeram durante a I Bienal de São Paulo ("íamos todos, em romaria, à bienal", diz, a propósito do Grupo Frente, o crítico Ferreira Gullar). Naquele ano, 1953, iria realizar-se, também, a segunda Bienal, a mais completa de todas, com retrospectiva do cubismo, futurismo e presença, em salas especiais, de Calder, Mondrian, Picasso, dois concretos suíços, argentinos, uruguaios, etc. Nesse mesmo ano realizou-se no Museu de Arte Moderna do Rio, uma importante exposição dos concretos argentinos, ocasião em que Tomás Maldonado e Jorge Romero Brest fizeram conferências no Rio. Outro que falou no Rio (e visitou Ivan Serpa), foi o papa do concretismo mundial, o suíço Max Bill, que já expusera no Brasil em 1950 e ganhara, na I Bienal de São Paulo, o prêmio para melhor escultor. Tudo isso acerrara a polêmica entre figurativos e abstratos e a mostra do Quitandinha (que se realizou simultaneamente à outra, de flores, garantindo, assim, uma enorme frequência) não escapou à polêmica. O crítico Antônio Bento, por exemplo, ironizou o evento escrevendo em sua coluna: "Por estranho que pareça acaba de ser inventado no Brasil o Salão Nacional de Arte Abstrata. presume-se que seja repetido nesta altura do verão, quando há gente rica e os esnobes se encontram gozando as delícias do clima temperado da cidade imperial). Aliás, pouco tempo antes uma exposição Djanira no Museu Imperial, já provocara grande rebuliço.

[Da mostra do Quitandinha participaram, entre outros, Ivan Serpa, Aluísio Carvão, Lígia Pape, Lígia Clark, Décio Vieira, estes dois últimos premiados, Antônio Bandeira, Anna Bella Geiger,

Grupo Frente

Fayga Ostrower, Rossini Perez, Ramiro Martins, Santa Rosa etc. Integravam-na, portanto, pelo menos três gerações de artistas. De fato, Fayga estudara com Santa Rosa na Fundação Getúlio Vargas e mais tarde teve como alunos Lígia Pape, Décio Vieira, Rosini Perez e Ana Bela Gaiger. [E apesar da presença de alguns ainda quase figurativos, reuniu abstratos de duas tendências opostas, os líricos/informais e os geométricos.]

E foram justamente aqueles artistas que Edmundo Jorge, no texto de apresentação do catálogo, definiu como os da vertente Mondrian, que iriam, mais tarde, integrar o Grupo Frente, constituindo, portanto, a "primeira turma" de artistas concretos do Rio.

Ivan Serpa, que morava no Rio, foi muitas vezes a Petrópolis, a convite dos ^{artistas} artistas de lá, assim como estes vinham ao Rio participar das "domingueiras" em sua casa no Méier. Nessas reuniões os artistas trocavam críticas sobre seus trabalhos, discutiam o emprego de tinta industrial (o ripolim) na pintura e tomavam posição contra a arte figurativa - Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, etc.

[Ivan Serpa criara, em 1952, o primeiro curso de arte do Museu de Arte Moderna, de início apenas para formar crianças. O MAM ainda não tinha sede e o curso funcionou em vários lugares. E foi da primeira turma de alunos adultos de Ivan Serpa que saíram alguns dos integrantes do Grupo Frente. Dos 8 participantes da 1ª mostra do grupo, na Galeria de Arte Brasil-Estados Unidos em 1954, Aluísio Carvão, João José da Silva Costa, Vincent Ibberson, Carlos Val e Décio Vieira eram seus alunos. Nas demais exposições; o nº de participantes subiu para 15 e, com exceção de Abraham Palatnik, Franz Weissmann, Lígia Pape e Lígia Clark, todos eram alunos de Ivan: Erich Baruch, Ruben Ludolf, César e Hélio Oiticica e Elisa Martins.]

[Além das aulas, o Grupo Frente se reunia, nos fins de semana, na casa de Serpa, no Méier, na casa de Ibberson, no Leblon, na casa de Lígia Pape, no Jardim Botânico, na casa de Décio Vieira, na Rua Djalma Ulrich, em Copacabana: "íamos todos, eu, Lígia Pape, Décio e sua irmã, Gilda, Vincent e sua mulher, Vera, Car

*continuação
até a chave*

Grupo Frente

Grupo Frente

Grupo Frente

vão, Lia, Dorothy, o Ferreira Gullar. Levávamos trabalhos, discutíamos, almoçávamos, Serpa era o elemento aglutinador das reuniões". E foi numa dessas reuniões que se realizou uma eleição para escolher o nome do grupo. Vários nomes foram lançados. Segundo Elisa a maioria queria "vanguarda", outros propuseram "grupo renovador", mas foi a palavra de Ivan que mais uma vez prevaleceu: "Grupo Frente".

Gullar tem outra versão: "Eu tinha mania de escrever poemas em papel. Pegava várias folhas cortadas ao meio, colocava uma capa de papel de embrulho e granpiava tudo. Costumava andar com aquilo na mão e como a capa era igual dos dois lados, eu colocava a palavra frente só para saber de que lado deveria abrir. Um dia cheguei com um desses "cadernos" no curso do Ivan, coloquei-o sobre a mesa, o Ivan olhou e disse: Que coisa legal. Mais tarde me disse que iria dar o nome frente ao grupo. É possível, portanto que, no dia da eleição, Ivan já tivesse na ponta da língua a palavra ou até mesmo já tivesse tomado a sua decisão."

MATEMÁTICA INTUITIVA, BASE DE UM MOVIMENTO

A tendência dominante no Grupo Frente era a geométrica, diz Lígia Pape: "numa época em que prevalecia a pintura o máximo em audácia era um abstrato ... expressionista. Mas Ivan já praticava uma abstração geométrica. Sua geometria era muito calculada, desenvolvia-se em clima de progressões matemáticas. Todos os que estavam ligados ao Ivan trabalhavam com formas geométricas. Trabalhávamos, de fato, em cima de um projeto concreto, de base matemática, usávamos pouquíssimas cores, chapadas. Certo, era uma matemática intuitiva, mas havia também cálculo, conhecíamos fibonacci, liamos textos de Max Bill, Vantongerloo". [A viúva de Ivan Lígia Serpa, também confirma este caráter intuitivo da pintura do marido: "Na época concretista ele me dizia: "Se eu estudasse matemática, sabendo o que quero em pintura, poderia conseguir mais rapidamente os resultados que busco". Ele fazia tudo intuitivamente, desconhecendo a matemática".]

continuação da pag. anterior

concretismo

[Mas o caráter a-dogmático do Grupo Frente, Também se explica por sua base teórica, e pelo interesse de Serpa e de outros pela arte primitiva e pelas manifestações artísticas das crianças e dos loucos. Serpa sempre teve, entre seus alunos, "Primitivos", ensinou para crianças e, com Palatnik, Almir Mavgnier, Gullar e Pedrosa, frequentava o centro psiquiátrico D. Pedro II no Engenho de Dentro, acompanhando, ali as atividades de Nise da Silveira. Quanto a opção pela arte geométrica, era fruto de um otimismo que dominava o mundo, mal saído da II Guerra Mundial, na crença de que a arte poderia, efetivamente, ser um linguagem universal, fonte de entendimento entre os homens.]

As duas exposições que se inauguram hoje, na Galeria de Arte Banerj, de caráter documental e didático, reúnem exclusivamente obras do período situado entre 1953 e 1956, em sua maior parte, que estiveram nas mostras realizadas naquele período. Do Grupo Frente só faltaram obras de Erich Baruch, vivendo hoje na Austrália, porque mesmo de Ibberson, que voltou para Londres, onde nasceu, e de Carlos Val, hoje fazem dele no interior de Minas foram localizados trabalhos. E as exposições destacam o esforço de interiorização da arte de vanguarda defendida pelo grupo, como também as tentativas de uma aproximação à indústria e à arquitetura. Na mostra serão vistas maquetes de Lígia Clark, móveis de Palatnik, jóias de Lígia Pape e trabalhos de Serpa feitas ^{com} por ripolin.

NOTAS: Reprodução dos quadros: "Carnaval" (1952), óleo sobre tela de Elisa Martins. Guache sobre papel (1955), sem título de Nélcio Oiticica.

Concretismo - Grupo Frente